

O LEGADO DA EXPLORAÇÃO BALEEIRA PARA O DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO BRASILEIRO

Marcella Faustino Fernandes Bacha*

Resumo

A prática de caçar baleias passou por diversos momentos durante seu desenvolvimento no mundo. No âmbito brasileiro a prática teve início no período colonial, no ano de 1602. A ocasião da farta presença desses animais na costa, juntamente com a escassez de recursos que se estendia por todo o litoral, foram os fatores determinantes para verem nas baleias a fonte de suprimento para as principais necessidades da colônia. Esta atividade movimentou grande número de pessoas e de capital, através de contratos. Estrangeiros vieram de fora para caçar, ensinar suas técnicas para os residentes e incorporar novos instrumentos de navegação e caça, que tiveram destaque frente ao modo primitivo que era praticado no litoral sul e norte. O legado obtido através da exploração baleeira considerado patrimônio científico e tecnológico, consiste das técnicas e materiais que foram desenvolvidos a partir da demanda deste mercado exploratório, e hoje em dia estão presentes nos museus. Esse levantamento vem sendo realizado nas seguintes instituições: Museu da Baleia (Imbituba/SC) e Museu Nacional do Mar (São Francisco do Sul/SC). A necessidade de embarcações maiores, para possibilitar a captura de maior quantidade de cetáceos, o desenvolvimento de armas com maior letalidade otimizando os resultados das viagens e reduzindo os custos, são alguns dos exemplos de desenvolvimento tecnológico que foi alcançado pela prática da baleação. O legado tecnológico e científico da caça a baleia para o Brasil ainda que esteja presente nos museus, não é apresentado com o devido destaque que ocupa no desenvolvimento da indústria pesqueira no Brasil, ainda que essa prática tenha deixado algumas espécies próximas à extinção.

Palavras-chave: caça à baleia; patrimônio científico; patrimônio tecnológico; pesca.

Abstract

The practice of hunting whales went through various stages during its development in the world. In the Brazilian context the practice began in the colonial period in the year 1602. The occasion of the abundant presence of these animals on the coast, along with the scarcity of resources that stretched all along the coast were the determining factors to see whales in the source supply to the main needs of the colony. This activity moved large

* Museóloga, estudante de pós-graduação em História e Cultura no Brasil, na Universidade Cândido Mendes. Museóloga na coleção Carvalho Hosken e no Museu Casa do Pontal. Realiza pesquisas, publicações e comunicações frequentes sobre história, memória e cultura em universidades de todo o Brasil desde o ano de 2013, quando publicou seu TCC que deu início à trajetória nesse eixo de pesquisa. Universidade Cândido Mendes, Rua da Assembléia, Rio de Janeiro, RJ, CEP: 20011-901; bacha.marcella@gmail.com.

numbers of people and capital through contracts. Foreigners came out to hunt, teach their techniques to residents and incorporate new navigation tools and hunting, who had front highlight the primitive way that was practiced in the south and north coast. The legacy obtained through the whaling operation considered scientific and technological heritage, consists of techniques and materials that have been developed from the demand of this exploratory market, and today are present in museums. This survey is being conducted at the following institutions: Whaling Museum (Imbituba / SC) and the National Sea Museum (São Francisco do Sul / SC). The demand for larger vessels to enable the capture of larger amount of cetaceans, the development of weapons more lethal optimizing the results of travel and reducing costs, are some examples of technological development has been achieved by the practice of whaling. The technological and scientific achievements to hunt for Brazil still is present in museums, it is not presented with due prominence it occupies in the development of the fishing industry in Brazil, although this practice has left some species close to extinction.

Key-words: whaling; scientific heritage; technological heritage; fishing.

Introdução

A prática de caçar baleias passou por diversos momentos diferentes em seu desenvolvimento no mundo. Os bascos, habitantes de parte do norte espanhol e do sudoeste francês, eram caçadores bem aperfeiçoados que iniciaram essa atividade na Europa. no século IX. Os japoneses por sua vez a começaram no ano 712 d.C, registro realizado no Kojiki (livro sobre o Japão antigo). Vilas de esquimós na Groenlândia também caçam baleias há muitos séculos, utilizando a técnica do arpão com veneno, seguindo com esse processo até os dias de hoje, obtendo autorização internacional para a prática observando cotas de caça pelos aborígenes. Mesmo caso se apresenta na Noruega que pratica a baleação desde o ano de 810 d.C. No século XVII grandes potências europeias aderiram a essa atividade, como Inglaterra, Holanda e Dinamarca.

Os autóctones que viveram no território onde hoje é o Brasil há milhares de anos antes dos portugueses chegarem foram os primeiros a explorar a vasta oferta de cetáceos do litoral brasileiro. Há registros de materiais produzidos por eles a partir de vestígios de baleias em sambaquis do litoral centro sul datados de até seis mil anos a.C. (LIMA, 1999-2000, p.287). Os homens desse período não tinham a tecnologia que existe atualmente, e o seu aproveitamento era realizado exclusivamente dos encalhes que ocorriam nas praias, e da caça de animais em águas rasas, próximo às praias.

Milhares de anos depois, a grande oferta de cetáceos no litoral do Brasil chamou a atenção dos portugueses logo que chegaram a sua colônia. A variedade de matérias-primas que poderiam ser extraídas dos cetáceos serviria para abastecer esse território que enfrentava graves problemas de subsistência. Com o passar do tempo os colonizadores foram procurar meios de “profissionalizar” a caça à baleias na colônia, visto

que a falta de tecnologia apropriada para a pesca estava impedindo a exploração dos animais e atrasando o desenvolvimento deste tipo de comércio.

O início da instalação de armações baleeiras no Brasil se deu no ano de 1602, no Recôncavo Baiano, com a chegada dos Biscainhos, que foram os responsáveis por instrumentalizar os moradores da colônia e ensiná-los as técnicas da pesca e aproveitamento das baleias. Em 1612, com o fim do período de contrato e ao perceber a elevada lucratividade dessa prática, a coroa portuguesa estabeleceu o monopólio sobre a caça e tornou a baleia um “peixe real”. Os moradores já haviam aprendido as técnicas e guardaram boa parte do material utilizado pelos biscainhos para continuarem a executar as técnicas aprendidas.

As primeiras inovações tecnológicas proporcionadas pelo desenvolvimento da caça à baleia foram as técnicas e os materiais trazidos pelos caçadores de Biscaia, que chegaram em um momento onde a pesca era realizada de maneira amadora e rústica, o que a tornava pouco rentável, lenta e perigosa. Com o passar dos anos e da expansão deste mercado novas técnicas foram surgindo até o ano de 1987 quando a caça à baleia foi proibida em território brasileiro.

Caça à Baleia no Brasil

No âmbito brasileiro, a prática de pescar baleias teve início no período colonial. A ocasião da farta presença desses animais na costa juntamente com a escassez de recursos que se estendia para toda a sociedade foram os fatores determinantes para ver nas baleias a fonte de suprimento para as suas necessidades.

Frei Vicente Salvador, em seu livro *História do Brasil*, escrito em 1627, apresentou o cotidiano colonial vivido na América Portuguesa, grande responsável pelo conhecimento que se tem atualmente sobre o início da prática da baleação no Brasil, sendo seu livro uma referência bibliográfica básica para quem necessitar abordar essa questão.

Era grande a falta que em todo o estado do Brasil havia de graxa ou azeite de peixe, assim para reboque dos barcos e navios, como para se alumiar os engenhos, que trabalham toda a noite, e se houveram de alumiar-se com azeite doce, conforme o que se gasta, e os negros lhe são muito afeiçoados, não bastara todo o azeite do mundo. Algum vinha do cabo vender, e de Biscaia [País Basco] por via de Viana, mas era tão caro, e tão pouco, que muitas vezes era necessário usarem do azeite doce, misturando-lhe destoutro [sic] amargoso, e fedorento, para que os negros não lambessem os candeeiros, e era uma pena como a de Tântalo padecer esta falta, vendo andar as baleias, que são a mesma graxa, por toda esta Bahia, sem haver quem as pescasse, ao que acudiu Deus, que tudo rege, e prova, movendo a vontade a um Pedro de Orecha, Biscainho, que quisesse vir fazer esta pescaria; este veio com o

governador Diogo Botelho do reino no ano de mil seiscentos e três, trazendo duas naus a seu cargo de Biscainhos, com os quais começou a pescar, e ensinados os portugueses, se tornou com dias carregados (SALVADOR, 1627, p. 117).

Conforme registrado no trecho transcrito era grande a falta de azeite, enquanto o litoral brasileiro apresentava vasta população de cetáceos, dentre eles as baleias. Com isso começou a ser pensada a possibilidade de se capturar esses animais com o intuito de obter, sobretudo óleo para iluminação. Para tanto, os bascos transmitiram seus conhecimentos aos portugueses, para que pudessem praticar em sua colônia a caça às baleias. A obtenção de recursos das baleias obtida inicialmente através da exploração praticada nos animais que encalhavam espontaneamente começou a ser aprimorada com a oficialização da instalação da caça das baleias, no ano de 1602, no Recôncavo Baiano. Nesse momento, a caça era realizada nos arredores da costa, sem demandar do deslocamento para alto mar e os materiais utilizados eram basicamente o arpão manual e o bote. Até então, a pesca era livre, sem intervenções diretas da coroa portuguesa.

O modo como essa prática era realizada no início também foi narrada por Frei Vicente Salvador:

[...] a primeira coisa que fazem é arpoar o filho, a que chamam baleato, o qual anda sempre em cima da água brincando, dando saltos como golfinhos, e assim com facilidade o arpoam com um arpéu de esgalhos posto em uma haste, como de um dardo, e em o ferindo e prendendo com os galhos puxam por ele com a corda do arpéu, e o amarram, e atracam em uma das lanchas, que são três as que andam neste ministério, e logo da outra arpoam a mãe, que não se aparta do filho, e como a baleia não tem ussos mais que no espinhaço, e o arpéu é pesado, e despedido de bom braço, entra-lhe até o meio da haste, sentindo-se ela ferida corre, e foge uma légua, às vezes mais, por cima da água, e o arpoador lhe larga a corda, e a vai seguindo até que canse, e cheguem as duas lanchas, que chegadas se tornam todas três a pôr em esquadrão, ficando a que traz o baleato no meio, o qual a mãe sentindo se vem para ele, e neste tempo da outra lancha outro arpoador lhe despede com a mesma força o arpéu, e ela dá outra corrida como a primeira, da qual fica já tão cansada, que de todas as três lanchas a lanceiam com lanças de ferros agudos a modo de meias-luas, e a ferem de maneira que dá muitos bramidos com a dor, e quando morre bota pelas ventas tanta quantidade de sangue para o ar, que cobre o sol, e faz uma nuvem vermelha, com que fica o mar vermelho, e este é o sinal que acabou, e morreu, logo com muita presteza se lançam ao mar cinco homens com cordas de linho grossas, e lhe apertam os queixos e boca, porque não lhe entre água, e a atracam, e amarram a uma lancha, e todas três vão vogando em fileira até a ilha de Itaparica, que está três léguas fronteira a esta cidade, onde a metem no porto chamado da Cruz, e a espostejam, e fazem azeite (SALVADOR, 1627, p. 117-118).

Os biscainhos estabeleceram armações e controlaram a caça da baleia na colônia através de contrato com a Coroa até o ano de 1612. Com o fim do contrato a Coroa cogitava a possibilidade de eles continuarem responsáveis pela exploração dessa

matéria prima, entretanto não houve nenhuma renovação no acordo e os mesmos nunca mais pescaram nessa região. No ano de 1613 foi instalada uma única armação, na Bahia, que era de responsabilidade de Antônio Machado de Vasconcelos, em Itaparica.

Em 1614 foi estabelecido pela Coroa Portuguesa o monopólio da Pesca da Baleia, passando a ser considerada um Peixe Real, então de propriedade da Coroa, que estabeleceu o monopólio de sua exploração. Como afirma Wellington Castelluci Junior (2010), a Câmara Municipal de Salvador estimulou a prática de caça às baleias pelos habitantes, atitude completamente contrária às pretensões da Corte Portuguesa. O aumento da produção caseira de azeite, que era de qualidade inferior ao produzido pelos biscainhos, fez com que o preço de mercado do produto fosse diminuído, causando profundo descontentamento nos colonizadores, justificando o fato da baleia ter se tornado um Peixe Real.

O procedimento seguinte foi a realização de arrendamentos periódicos aos interessados em praticar a atividade e, posteriormente, o estabelecimento de contratos. Essa atitude da Coroa Portuguesa foi considerada abusiva pelos moradores de Salvador, que tentaram se manifestar de forma contrária, pedindo o retorno da pesca livre, sem precisar pagar impostos sobre os contratos para Portugal. Entretanto, todas as ações foram em vão e a política de monopólio teve continuidade.

Com o passar do tempo, a pesca da baleia foi ganhando destaque de maneira gradual, deixando de ser prática exclusiva do Recôncavo Baiano e chegando ao Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina. A caça em larga escala era caracterizada pela ausência de preocupação com a manutenção das espécies, dificultando e quase impossibilitando a garantia de sua sobrevivência e perpetuação.

O escasseamento progressivo de baleias, nas últimas décadas do século XIX, foi o resultado da intensidade com que aqueles animais eram mortos nas águas costeiras. Calcula-se que, durante todo o século XVIII, ampliou-se continuamente a caça de baleia no litoral baiano, e que se chegou a matar, nas melhores temporadas, cerca de 120, 130 e até 200 unidades daquele animal por ano (CASTELLUCCI JÚNIOR, 2010, p.78-79).

Técnicas da Indústria Baleeira Brasileira

Os instrumentos utilizados na caça as baleias no Brasil passaram por algumas mudanças ao longo do período de sua ocorrência, visando aperfeiçoar a execução da atividade. *As inovações que ocorreram influenciaram muito nos dados relativos à quantidade de*

baleias mortas por ano. No fim do século XIX, os baleeiros, seguindo a evolução industrial naval, foram aperfeiçoados. Deixando as velas e o lançamento manual do arpão, passaram a ser movidos a vapor e a disparar seus arpões a partir de canhões.

A. Baleeira: Esse nome é dado a esse tipo de embarcação devido ao seu grande aproveitamento para a pesca de baleias, entretanto, elas poderiam ser utilizadas também no transporte de pessoas e na captura de pequenos pescados. Era produzida originalmente na Inglaterra, depois nos Estados Unidos, onde começou a ser utilizada na caça à baleia (Nantucket). Os baleeiros americanos, durante escala na ilha de Açores, passaram para os Açorianos as técnicas de construção das baleeiras e sua ótima navegabilidade. Com isso, os açorianos começaram a produzir essa embarcação, e à medida que chegavam ao Brasil trazidos pela Corte Portuguesa, adotaram esse modelo na prática da caça em Santa Catarina. Sua diferenciação dos outros barcos está na necessidade de ser rápida e leve. Outra característica importante é que as baleeiras não possuíam motor, podendo ser movidas a remo ou velas e possuíam reboque para o transporte do animal abatido.

A baleeira é uma embarcação ligeira, com duas proas, de 12 a 18 metros de comprimento tendo fundo de prato, exclusivamente destinada à pescaria da baleia. Estando o vento de feição, desenvolve uma marcha de 12 milhas por hora, e até pouco antes da Proclamação da República o preço das de maiores dimensões não excedia de 700\$000. Possui a baleeira um só mastro, com inclinação para a popa, o qual apresenta na extremidade superior um furo, por onde corre a adriça de grande vela quadrangular, cosida na verga. O leme é o mesmo das outras embarcações e atrás à popa, do lado de bombordo, um remo, que também funciona como governo. Além da vela, servem de propulsores às baleeiras varas e remos. Os carpinteiros de Itaparica e de Caravellas, onde também se pesca baleia são os preferidos na construção dessas lanchas (BARROS, 1910, p. 2).

B. Barcos Baleeiros Artilhados: Eram embarcações maiores que as baleeiras iniciais, seu meio de propulsão era motor, e possuíam um canhão em sua proa.

C. Arpão Manual: Era utilizado para atingir a baleia e possuía uma corda que ligava a embarcação ao animal arpoado.

Instrumento de ferro batido, de perfuração e corte, dispunha o arpão de uma haste de ferro de mais ou menos 90 centímetros munida de uma ou duas farpas e encaixada em outra de madeira, sólida e pesada, de 1,50 a 2m de comprimento. Ligavam-se as duas por um cabo, a vinhoneira, que passava pelo centro da primeira e por uma alça fixa no centro da segunda, atada em seguida, a outro cabo mais grosso, a ostaxa que prendia o arpão ao barco (ELLIS, 1969, p. 114).

D. Lança: Era uma lança manual que permanecia ligada à baleeira com uma corda após atingir o animal. “Constava de uma haste roliça, de ferro, com 2m de comprimento, de cabeça larga e achatada – chopa – de bordos cortantes e fixa a outra de madeira de igual tamanho” (ELLIS, 1969, p. 114)

E. Bombilança: Foi patenteada no Brasil no ano de 1938, por seus três inventores Atílio Emílio Pitigliani, Uggere Pitigliani e Antonio Fulvio Uldirico Pitigliani, e utilizada até 1952 na captura das baleias. Era uma lança manual que permanecia ligada à baleeira com uma corda após atingir o animal, com ponta afiada e cabo de madeira oco com carga de dinamite. Era uma ferramenta utilizada em navios americanos desde o século XIX, entretanto, em sua versão brasileira a bombilança contou com o crescimento do uso de corrente elétrica. (EDMUNDSON; HART, 2014, p. 131).

F. Canhão (canhão-arpão): Começou a ser usado no Brasil a partir de 1952. Era montado na proa da embarcação e lançava consecutivos arpões com o uso da pólvora e ar comprimido. Era uma arma eficaz e rápida, que foi responsável pela morte de muitas baleias.

G. Guincho: Era responsável pelo transporte da baleia morta até a armação onde seria processada a gordura.

H. Autoclave: Aparelho utilizado para processar o óleo de baleia. “Um octoclave tem a capacidade de 12 toneladas e o outro para 8 toneladas de toicinho que era cozido em banho-maria durante 3 horas até ficar líquido. Quando alcançado o grau ideal, que todo o toicinho estivesse transformado em óleo, era colocado água dentro do octoclave” (PALAZZO JR, 1989, p. 20).

I. Misturador: Fazia a mistura dos restos de gordura do autoclave com o objetivo de obter maior quantidade de óleo.

É importante destacar os instrumentos que foram importantes no desenvolvimento da atividade baleeira, e são grandes referenciais de desenvolvimento tecnológico alcançado pelo Brasil, devido a essa prática. Uma das principais inovações tecnológicas alcançadas pelo impulsionamento da exploração dos cetáceos foi relacionada com os métodos de abate do animal. Uma das razões para esse foco está na segurança dos arpoadores, que nas técnicas tradicionais ficavam muito expostos a uma possível reação do animal. Os três instrumentos podem ser identificados a partir do método inicial, quase artesanal, com características rudimentares, que consistia do uso do arpão e da lança manual, seguido do uso da bombilança, até viver seu último estágio com o aproveitamento dos canhões-arpão.

Patrimônio em Museus - Museu da Baleia

O Museu da Baleia está localizado em Imbituba (Santa Catarina), e é mantido pela Prefeitura da cidade em parceria com o Projeto Baleia Franca e empresas como a Votorantim. O lugar que abriga o Museu foi a última estação baleeira do sul do país.

Este Museu possui em seu acervo os 3 instrumentos que destacam o patrimônio científico relacionado as baleias, como representante do desenvolvimento tecnológico brasileiro (lança – bombilança – canhão).

Após contato com os responsáveis pela instituição, foi possível obter a lista de inventário abaixo:

- a) Painéis explicativos sobre a história da caça
- b) Arpões
- c) Bombilança
- d) Canhão usado na caça
- e) Réplica de um antigo navio baleeiro “Charles Morgan”
- f) Réplica de 2 canoas baleeiras
- g) Réplica de dentes de baleia cachalote com inscrições (Scrimshaw)
- h) Moedas antigas da época da caça
- i) Duas autoclaves de processamento da gordura das baleias
- j) Ruínas da antiga armação (chaminé e algumas outras estruturas)
- k) Motor de embarcação usada na caça em Imbituba

A seguir algumas imagens do acervo que se encontra exposto no Museu.

- Arpão e Lança (Figuras 1 e 2)

Nas Figuras abaixo, as vitrines possuem 3 arpões e 1 lança, sendo o primeiro da esquerda para a direita: arpão de ponta articulada, lança (mais comprida), arpão de farpa única e arpão de farpa dupla.



Figuras 1 e 2 - Vitrine de arpões e lança.
Fotos: Nalter Camargo dos Santos, 2016.

- Bombilança (Figura 3)

O uso desse instrumento demandava muita cautela dos arpoadores, pois assim cravassem a bombilança na baleia, eles deveriam se afastar rapidamente, devido à detonação da dinamite que ficava na superfície oca. Essa detonação poderia ocorrer através da eletricidade ou pavio.



Figura 3 - Bombilança.
Foto: Nalter Camargo dos Santos, 2016.

- Canhão (Figuras 4 a 7)

Utilizado na proa de embarcações para disparar seguidos arpões nas baleias.



Figuras 4 e 5 - Canhão.
Fotos: Nalter Camargo dos Santos, 2016.



- Motor de Embarcação (Figura 8 a 10)

A embarcação conhecida como “Formiga” navegou pelo litoral sul brasileiro, na região de Santa Catarina, e foi um dos últimos barcos baleeiros artilhados. Foi desativado no final da década de 1950 e seu último vestígio preservado é este motor sueco Bolinder de três cilindros.



Figura 8 e 9 - Motor "Formiga".
Fotos: Nalter Camargo dos Santos, 2016.



Figura 10 - Motor "Formiga".
Foto: Nalter Camargo dos Santos, 2016.

- Misturador (Figura 11)

Equipamento utilizado para moer os restos de gordura que foram processados nos autoclaves, além de pedaços diversos da baleia que eram jogados nesse misturador para extração de resíduos de óleo.



Figura 11 - "Misturador".
Foto: Nalter Camargo dos Santos, 2016.

- Guincho (Figura 12)

Equipamento movido a vapor que era o responsável pelo arraste do animal da praia até o local onde seria explorado, geralmente na armação baleeira.



Figura 12 - Guincho.
Foto: Nalter Camargo dos Santos, 2016.

Patrimônio em Museus - Museu Nacional do Mar

O Museu Nacional do Mar está localizado em São Francisco do Sul, Santa Catarina. Possui em sua coleção réplicas de embarcações baleeiras utilizadas no Brasil, que estão divididas em dois espaços chamados Sala das Baleeiras e Sala da Pesca da Baleia. Os pontos de relevância deste acervo para o presente artigo é apresentado abaixo:

- “Brigadeira” (Figura 13)

Baleeira, construída em madeira, usando a técnica caverna cozida, característica baseada no aquecimento de peças, para atingir uma curvatura desejada, deixando as embarcações mais leves, resistentes, velozes e fáceis de manobrar. Utilizada na pesca e no transporte de pessoas para a Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim na década de 70. Doadada ao Museu pela Aresta Arquitetura no início da década de 1990.

Tipo de propulsão: motor

Área de navegação: mar aberto

Embarcação nas cores branca, vermelha, azul e amarela na parte externa. Na parte interna, azul claro e azul escuro. Bancos em amarelo, vermelho e azul. Proa e popa nas cores azul claro e azul escuro.

Local de produção: Caieira do Norte/Gov. C. Ramos



Figura 13 - Baleeira Brigadeira.
Acervo Museu Nacional do Mar.

- "Florianópolis" (Figura 14)

Baleeira, construída em madeira, usando a técnica caverna cozida, característica baseada no aquecimento de peças, para atingir uma curvatura desejada, deixando as embarcações mais leves, resistentes, velozes e fáceis de manobrar. Construída pela Marinha do Brasil e doada pela Prefeitura de Florianópolis em abril de 1996.

Tipo de propulsão: motor

Área de navegação: mar aberto

Embarcação nas cores branca, com listas em azul e vermelha, na parte externa. Na parte interna, vermelho, branco e azul. Proa e popa na cor azul.



Figura 14 - Baleeira Florianópolis
Acervo Museu Nacional do Mar.

- Baleeiro Aléxio Heidenrich (Figura 15)

Baleeira em construção (no esqueleto). Desta forma, observa-se a engenharia utilizada para a construção de uma baleeira. Doação Amyr Klink. Recebida em abril de 1993 juntamente com uma serra tico-tico, galopa (mesa), serrote, moldes de cavernas, moldes de roda de proa e popa, duas tabuas para riscos e pregos de cobre.

Tipo de propulsão: motor

Área de navegação: mar aberto

Comprada em abril de 1993, juntamente com uma serra tico-tico, galopa (mesa), serrote, moldes de cavernas, moldes de roda de proa e popa, duas tabuas para riscos e pregos de cobre.



Figura 15 - Baleeira Aléxio Heidenrich.
Acervo Museu Nacional do Mar.

- “Ponta da Praia” (Figura 16)

Aquisição fundação catarinense de cultura

Baleeira, construída em madeira. Representação de uma caça a baleia.

Tipo de propulsão: motor

Área de navegação: mar aberto.

Embarcação nas cores branco, verde e azul na parte externa. Na parte interna, toda azul.

Contém: seis bonecos, doze remos e uma lança.



Figura 16 - Baleeira Ponta da Praia.
Acervo Museu Nacional do Mar.

- “Sou de Deus” (Figura 17)

Baleeira, construída em madeira, provavelmente utilizada na pesca.

Tipo de propulsão: motor.

Área de navegação: mar aberto.

Embarcação nas cores marrom, branco, vermelho e azul, na parte externa. Na parte interna toda azul com detalhes em vermelho.



Figura 17 - Baleeira Sou de Deus.
Acervo Museu Nacional do Mar.

- Baleeira (Figura 18)

Baleeira, construída em madeira. Utilizada, provavelmente para a pesca. No Museu, está encenado a lenda das bruxas, do folclorista Franklin Cascaes.

Tipo de propulsão: remo.

Área de navegação: mar aberto.



Figura 18 - Baleeira.
Acervo Museu Nacional do Mar.

Considerações Finais

As duas instituições estudadas neste artigo têm um papel importante na preservação da memória da presença da baleia no Brasil e na preservação do Patrimônio Científico e Tecnológico obtido através do desenvolvimento da pesca de cetáceos. As duas responderam prontamente a alguns dos contatos realizados buscando mais informações sobre o acervo. Inicialmente pôde ser identificado que elas apresentam dificuldades na execução de algumas ações de preservação a longo prazo, como por exemplo, documentação da coleção. Algumas outras instituições, como por exemplo o Museu Oceanográfico de Arraial do Cabo (RJ) demonstrou problemas graves de pesquisa e inventário de seu acervo, que inviabilizou a pesquisa neste local. Entretanto, em visita a este Museu e assistindo vídeos da instituição podem ser identificados diversos instrumentos que poderiam integrar este levantamento, porém, as deficiências documentais e catalográficas, impossibilitaram esse aproveitamento.

A lacuna presente em alguns museus que tratam dessa temática é muito grave para preservar e salvaguardar o acervo desse período que está se perdendo de maneira rápida. O fechamento das empresas responsáveis pela caça ou a mudança de ramo das que se mantiveram abertas são alguns dos motivos que justificam a perda de objetos que seriam significativos para representar este momento da história brasileira, por conta do descarte dos objetos e instrumentos utilizados.

Referências

- AB'SABER; Besnard. Sambaquis da região lagunar de Cananéia. *Boletim do Instituto Oceanográfico*, São Paulo, n.4, 1953.
- BARROS, José Teixeira. A pesca da baleia na Bahia. *Revista do Norte*, v.1, n.1, p. 2, 1910. Texto disponível na Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Seção de Obras Raras, no 639.28, *José Teixeira Barros, 1863-1933*.
- CASTELLUCCI JÚNIOR, Wellington. *Caçadores de Baleia*, São Paulo: Annablume, 2010.
- COMERLATO, Fabiana. A Baleia como recurso energético no Brasil. *Anais... Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações*, Florianópolis, SC, 2010.
- EDMUNDSON, William; HART, Ian. *A História da Caça de Baleias no Brasil*, São Paulo: Editora Disal, 2014.
- ELLIS, Myriam. *A Baleia no Brasil Colonial*, São Paulo: Melhoramentos, 1969.
- LIMA, Tania Andrade. Em busca dos frutos do mar: os pescadores-coletores do litoral centro-sul do Brasil. *REVISTA USP*, São Paulo, n.44, p. 287, dezembro/fevereiro 1999-2000.
- PALAZZO, Miriam; PALAZZO JR, José Truda. *S.O.S Baleia!* Porto Alegre: Editora Sulina, 1989.
- SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil (1550-1627)*, 1627. Disponível em: <<http://www.psb40.org.br/bib/b142.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2016.